

A CONSCIÊNCIA DO IMPASSE: UMA LEITURA DE RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA

Manoel Freire (UERN)

INTRODUÇÃO

Publicado inicialmente em 1909, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é o primeiro romance de Lima Barreto, e conta a história do jovem Isaías Caminha, narrada em primeira pessoa, com o distanciamento do idoso que olha para trás com a consciência histórica que o jovem ainda não tinha. O narrador vai colhendo nas dobras da memória episódios de sua trajetória de jovem pobre e mulato aspirante a uma posição social acima das condições de seu nascimento. As metas de Isaías representam os anseios que seriam comuns aos jovens da mesma condição, quando dotados de certo nível de instrução e conscientes da sua real posição na sociedade: fugir de um destino mais ou menos traçado e chegar a algum lugar que os deixasse a salvo da marginalidade. Vivendo em plena “república dos bacharéis”, em que os melhores postos no serviço público eram ocupados pelos que possuíam o diploma universitário, Isaías Caminha decide ir para o Rio de Janeiro estudar e ser “doutor”, para assim conquistar uma posição que lhe garantisse a possibilidade de livrar-se da marginalidade, fatalidade a que dificilmente escapavam jovens que nasciam nas mesmas condições adversas, segundo o ponto de vista do narrador.

O diploma universitário teria, para Isaías, dois sentidos: um efeito prático e objetivo, mudando a sua condição econômica; e um efeito abstrato e subjetivo, que abrandaria os suplícios do preconceito, algo como uma “reparação moral”. Mas o que seria um caminho quase natural a ser trilhado pelos jovens de classes favorecidas, que não precisavam de muito esforço para alcançar os mesmos objetivos, para a personagem de Lima Barreto seria uma longa e dolorosa jornada atravancada por obstáculos, com grande probabilidade de fracasso, haja vista que apenas inteligência, dedicação aos estudos, seriedade e honestidade de seus propósitos não seriam suficientes para superar os impasses criados pela sociedade. Como tantos outros anônimos, Isaías fracassa no seu projeto e, depois de velho, resolve escrever suas memórias para mostrar essa “regra” de natureza social que se apresentava como natural na escrita dos intelectuais de seu tempo, revelando assim a consciência dos impasses que bloqueiam as potencialidades de indivíduos de certas condições numa sociedade marcada por assimetrias.

1. SOB O SIGNO DA OPRESSÃO

É sob o signo da opressão que se desenvolve a narrativa de Isaías Caminha, cuja posição social por si mesma condiciona de certo modo seu “destino”. É já no próprio ambiente familiar que o protagonista sente os efeitos nocivos de uma organização social injusta, em que observa as relações assimétricas entre pessoas de origem e condição social diferentes. Filho de um padre com uma empregada ou semiescrava, o jovem percebe a assimetria da relação, em que nitidamente sobressai a posição vantajosa do pai, assentada em três aspectos fundamentais: a cor, a condição social e a instrução. Assim, a relação no lar de Isaías Caminha organiza-se assimetricamente: o pai branco, a mãe negra/mestiça; o pai provindo de família economicamente favorecida, a mãe de origem humilde; o pai ilustrado, a mãe analfabeta. Ainda criança, incapaz de compreender os efeitos das diferenças de cor nas relações interpessoais, Isaías identifica o primeiro grande contraste entre a mãe e o pai: a distância intelectual que os separava, realçando a superioridade paterna: “O espetáculo do saber de meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento” (p. 45).

Motivado pela oposição entre os dois polos que o pai e a mãe representam, o adolescente passa a sonhar com glórias futuras. Os motivos têm origem nesses dois pontos de referência, que embora distantes e opostos, impulsionam as energias do jovem para o mesmo ponto de chegada, para onde se move empurrado, simultaneamente, de um lado pela ambição de seguir os passos do pai bem-sucedido; de

outro, pelo desejo de fugir ao destino infeliz da sua mãe, oprimida pela pobreza, o preconceito e a ignorância. Ou seja, as ambições de glória se encontram e se aliam ao medo da miséria. Contemplando no dia a dia o contraste do espetáculo doméstico, em que se deslumbrava com o exército de homens ilustres que desfilavam na prosa eloquente do pai, realçada pela quase mudez da mãe, o menino Isaías passa então a sonhar com a grandeza e a glória, sem ainda calcular o quanto de sacrifício a escalada para “outro mundo” poderia lhe custar. Mas, se o adolescente ainda não avaliava com precisão as dificuldades objetivas que se apresentariam no caminho espinhoso que tinha de percorrer, já pressentia algo perturbador no destino que o esperava. Assim, nos dias que antecedem sua viagem para o Rio de Janeiro vive sacudido entre a miragem da glória e o fantasma incompreendido do fracasso (Cf. PRADO, 1989), que se manifesta nos momentos de desânimo que sucedem cada rompante de euforia: “Ouvia uma tentadora sibila falar-me, a toda a hora e a todo o instante, na minha glória futura”; mas, como que pressentindo algo incômodo, “agia desordenadamente e sentia a incoerência dos meus atos”, e sem compreender bem, “esperava que o preenchimento final do meu destino me explicasse cabalmente” (RIC, p. 47).

Em várias passagens do romance a alternância entre a euforia e o medo, entre a esperança e o desalento, entre a alegria e a tristeza do protagonista corre paralelamente à alternância das condições atmosféricas do tempo. Trata-se de um artifício frequente na prosa de Lima Barreto que sugere certa correspondência entre as condições do tempo e a disposição psicológica da personagem, procedimento observado em romancistas modernos por E. M. Forster (2006, p. 210). Assim, num momento decisivo da vida de Isaías, vésperas de sua partida para o Rio de Janeiro, quando está tomado de dúvidas quanto ao futuro, o temor é acentuado pela imagem da tempestade, que atua sugestivamente como prenúncio de catástrofes futuras: “Eu estava deitado num velho sofá amplo. Lá fora, a chuva caía com redobrado vigor e ventava fortemente. A nossa casa frágil parecia que, de um momento para outro, ia ser arrasada” (p. 55). Temor que a fisionomia da mãe, no seu silêncio medroso e olhar desconfiado reforçava na subjetividade do adolescente, que parecia adivinhar-lhe o pensamento. A desconfiança no futuro e o receio do embate que se aproximam, Isaías advinha no semblante da mãe, em quem advinha vê as marcas da injustiça e da opressão, o que o leva a vislumbrar os perigos a que estaria exposto:

Minha mãe ia e vinha de um quarto próximo; removia baús, arcas; cosia, futejava. Eu devaneava e ia-lhe vendo o perfil esquelético, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os malaras salientes, tendo pela pele parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. De quando em quando, ela lançava-me os seus olhos

aveludados, redondos, passivamente bons, onde havia raios de temor ao encarar-me. Supus que adivinhava os perigos que eu tinha de passar; sofrimentos e dores que a educação e inteligência, qualidades a mais na minha frágil consistência social, haviam de atrair fatalmente (p. 55-56).

No mesmo olhar percebia o amor e o orgulho da mãe satisfeita com o filho inteligente e de futuro promissor, mas também a piedade e o temor da mãe que pressente, por intuição e experiência própria, as armadilhas e perigos que a sociedade prepara para jovens da cor e condição social de Isaías: “Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ela via em mim, para me deitar aqueles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho”, talvez a imaginar o quase inevitável fracasso daquele frágil adolescente que, a seus olhos, “era como uma rapariga, do meu nascimento e condição, extraordinariamente bonita, vivaz e perturbadora”, que não resistiria ao “ambiente de sedução e corrupção, e havia de acabar por aí, por essas ruas...” (p. 56), como Clara dos Anjos, que depois de seduzida e abandonada descobre que não era ninguém.

A cena que apresenta os preparativos para a partida de Isaías compreende um dos momentos mais intensos do romance, sobretudo porque o narrador dá voz à sua mãe, cujas palavras, se por um lado parecem insuficientes para expressar o sentimento particular de uma mãe, por outro traduzem um sentimento coletivo, as agruras de um enorme contingente de população que vivia na sua mesma condição, vítima de um mesmo processo e sujeita aos mesmos “perigos”. Assim, a tristeza e o abatimento da mulata cujas “faces cavadas” denunciam um passado de sofrimento e humilhação, representam os sentimentos de uma raça inteira que viveu submetida às humilhações que o trabalho escravo, num primeiro momento, e ocupações de semiescravidão, numa fase posterior, e vincaram indelevelmente, e cujas perspectivas futuras, abertas pela Abolição, continuavam pouco promissoras. Sob esse aspecto são conhecidas as consequências dos longos séculos de escravidão no Brasil, onde só muito tardiamente foi abolido o trabalho escravo, com a agravante de não terem sido criadas as condições necessárias para a integração dos libertos e seus descendentes na nova ordem econômica, ficando os negros libertos como uma massa errante no reino do abandono, livres dos antigos senhores, mas escravizados pelas piores condições de vida, submetidos a situações de competição para as quais não estavam preparados (Cf. FERNANDES, 2004, 2007). São marcas visíveis no próprio Isaías, que a aguda sensibilidade da mãe não deixava escapar, ao adivinhar “os perigos” pelos quais o jovem teria de passar, como os demais da sua condição social. Uma das passagens mais tocantes do romance é a cena da despedida, pelo comovente gesto de afeto da mãe, em cujo olhar o narrador vê algo mais do que o amor materno: “quando me despedi, ela deu-me um forte

abraço, afastou-se um pouco e olhou-me longamente, com aquele olhar que me lançava sempre, fosse em que circunstância fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e orgulho” (p. 57).

O percurso da viagem até a capital da República já constitui uma iniciação de Isaías ao mundo estranho que o esperava lá fora. Ele a sente “enfadonha” e desagradável, sem qualquer sinal de perspectivas animadoras. Ao contrário, o único incidente do percurso o machuca e desanima: é o episódio em que recebe no balcão de uma venda tratamento diferente, cuja razão não compreende de imediato, mas depois percebe que a diferença no atendimento se devia à sua cor, pois enquanto reclamava da demora em lhe trazerem um troco, via que “ao mesmo tempo a meu lado, um rapazola alourado, reclamava o dele, que lhe foi prontamente entregue”. “Ferido pelo contraste”, confessa Isaías, “Curti durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos” (p. 60).

A esperança nutrida pelos momentos de euforia é ao mesmo tempo enfraquecida pelos instantes de desânimo que a atmosfera social, às vezes reforçada pela paisagem natural, vai impingindo na mente de Isaías, que vive alternativamente entre a esperança e o desengano. A viagem como que prenuncia as dificuldades que viriam num futuro bem próximo: “me invadiu durante toda ela um letargo, um torpor que me chumbou o corpo e me tornou a inteligência de difícil penetração” (p. 59). A paisagem que o movimento do trem faz desfilar aos olhos da personagem não lhe desperta qualquer entusiasmo, enquadra-se na mesma letargia a que está entregue. São sempre “as mesmas charnecas úmidas ao sopé de morros de porte médio, revestido de um mato ralo, anêmico, verde escuro, onde, por vezes, uma árvore de mais vulto se erguia soberbamente, como se o conseguisse pelo esforço de uma vontade própria” (p. 59). Como o vai e vem de um pêndulo, durante a viagem o ânimo da personagem oscila entre a esperança e o temor, a crença e a dúvida acerca do futuro que o esperava. Assim, depois da dormência provocada pelo choque da humilhação, acorda com outro ânimo, cheio de esperanças e com a sensação de bem-estar. É um outro quadro que se apresenta, emoldurado por uma paisagem que, embora melancólica, agora se mostra agradável à sua vista. Contrastando com a situação anterior, em que “os esforços que fiz, mais espesso tornaram o capacete plúmbeo que me oprimia o cérebro” e agora “o crepúsculo cobria as cousas com uma capa de melancolia por assim dizer tangível”, que “afagava, roçava pelas minhas faces, tocara-me nas mãos de leve como uma pelúcia”, e por entre as “laranjeiras douradas de pomos maduros, a locomotiva corria célere” (p. 60-61). Apresenta-se outra atmosfera, desta feita mais alentadora para o jovem

cheio de esperanças, reanimado com a visão encantadora da paisagem, em cuja poesia encontra o alimento para a alma, carente de afeto no mundo dos homens: “Evolava-se do ambiente um perfume, uma poesia, alguma coisa de unificador, a abraçar o mar, as casas, as montanhas e o céu” (p. 61-62).

Outra vez cai o entusiasmo do jovem e volta o desânimo que o oprime quando vê de perto e se acha dentro da capital da República, cuja visão imediata o decepciona. A primeira impressão da cidade onde esperava encontrar a realização pessoal é decepcionante e manifesta-se na personagem como um choque: “Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção”, nos diz, “Aquela praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada”. Cheio de expectativas em relação à cidade, capital cultural e administrativa do país, onde residiam homens mais importantes, além da imagem que tinha da cidade bela “pela própria natureza”, causa espanto ao jovem provinciano o seu aspecto maltratado, daí sentir-se enganado: “Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa”, pois não esperava encontrar ruas “feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem beleza alguma” (p. 62-63). Curiosamente, o jovem Isaías toma os primeiros contatos com a capital da República por intermédio de Laje da Silva, personagem aparentemente sem importância, mas que se torna significativa pelo contraste que estabelece com o próprio Isaías. É o típico provinciano bem-sucedido nos negócios, conhecedor das manhas e truques dos vencedores. Domina a “ética da malandragem” e movimenta-se com desenvoltura das redações dos grandes jornais à Câmara dos Deputados, sendo capaz de conferir e obter certidão legal para as mais inusitadas falcatuas. A presença constante de Laje da Silva na trajetória de Isaías confere-lhe um papel importante na história, uma vez que influi sobre o modo como o jovem passa a encarar a vida na cidade grande. É ele que introduz Isaías aos “mistérios” da capital federal, funcionando como motivo para fazer ver ao adolescente provinciano que o mundo da competição na grande cidade é mais complexo do que o enredo de “contos de fadas” tecido pela sua imaginação infantil. Laje da Silva lembra “uma curiosa personagem” que Graciliano Ramos viu no romance *Amanhecer*, de Lúcia Miguel Pereira: “uma personagem bem estranha, uma personagem insignificante que no decorrer da história ganha importância, não por ter crescido, mas porque influi poderosamente na vida de pessoas muito maiores que ela” (RAMOS, 1994, p. 110).

Nos encontros com o suposto padeiro Laje da Silva, com quem entabula as primeiras conversas, desde os primeiros momentos a atitude de Isaías é de desconfiança, como se farejasse no comerciante sinais de negócios desonestos, o

que mais tarde irá constatar. A reação inicial do jovem é ambivalente, sentindo pelo astucioso negociante ao mesmo tempo simpatia e repulsa, adivinhando nele algum traço comum à sua vida roceira, misturado ao sentimento de desconfiança em relação ao seu procedimento nos negócios, graças aos quais subira a um lugar mais elevado economicamente. Assim, ao perceber que Laje da Silva outrora “se entregara a trabalhos grosseiros, mas que, de uns tempos para esta parte, gozava de uma vida mais fácil e leve”, Isaías sente-se de certo modo atraído pela amizade do padeiro, mas ao mesmo tempo observa que seu olhar “era de velhaco mercadejante”, daí sua desconfiança:

Aquele homem ia pondo em mim uma singular inquietação. A sua admiração tão explosiva ao meu projeto de estudo, as suas maneiras ambíguas e ao mesmo tempo desembaraçadas, o seu olhar cauteloso, perscrutador e sagaz, junto ao seu ar bonacheirão e simplório, provocavam-me desencontrados sentimentos de confiança e desconfiança. Havia nele tanta coisa oposta à profissão que dizia ter que me pus a desconfiar (p. 64-65).

Isaías logo percebe que as relações de Laje da Silva na capital federal, onde dispunha da amizade e dos favores de políticos e jornalistas importantes, iam muito além do que permitia a situação de um padeiro do interior. De acordo com o narrador, “conhecia minuciosamente toda a vida jornalística”, e sabia com precisão “os nomes dos redatores, dos proprietários, dos colaboradores; sabia a tiragem de cada um dos grandes jornais, como a de cada semanário de caricaturas”, qualidades estranhas em quem não demonstrava ser “homem de leituras, político ou dado às letras”, e em quem, nos diz Isaías, “não lhe senti a mais elementar preocupação intelectual” (p. 71).

2. O ENCONTRO COM O “PAÍS OFICIAL”

Na carta de recomendação do Coronel Belmiro, que Isaías Caminha conduz para entregar ao deputado Castro ao chegar à capital da República, inscreve-se uma forma de organização política atrasada, baseada em relações paternalistas e clientelistas. Desse modo, o narrador sugere que os princípios racionais e impessoais do ideário liberal-democrático, que faziam figura na retórica oficial, eram negados na prática efetiva dos políticos e das instituições republicanas, indicando assim que as ideias continuavam “fora do lugar”, como assinalou um crítico à vida brasileira no Segundo Reinado (Cf. SCHWARZ, 1982). Carmem Figueiredo observa esse aspecto no romance de Lima Barreto, assinalando que “o semianalfabeto coronel Belmiro imprime suas marcas no poder legislativo, estende seus domínios até as modernas e urbanas relações socioeconômicas da Capital” (FIGUEIREDO, 1988,

p. 164). Todavia, vale ressaltar que, apesar de apresentar uma ordem política em que ainda predominam as arcaicas relações paternalistas, a Capital da República que Isaías Caminha conhece encontra-se em processo de modernização, com novos atores participando dos processos decisórios.

Assim, as antigas práticas clientelistas permanecem, mas começam a tomar outra roupagem, já não se verifica o predomínio exclusivo do poder que emana do mundo rural sobre as relações políticas e econômicas do país. Os coronéis continuam dando as cartas na política nacional, mas não se trata mais (ou não apenas) do senhor de terras de hábitos roceiros e “analfabeto”, mas de bacharéis e magnatas da imprensa, do alto comércio e da indústria. Na capital federal que então se modernizava, exibindo nas ruas e nos lugares mais frequentados signos da modernidade, os instrumentos técnicos próprios do meio urbano sobrepõem o antigo poder rural. Nesse novo horizonte aberto pelos modernos instrumentos de comunicação, o escrito elaborado nos moldes precários da gramática capenga do coronel não tem força o bastante para competir com a retórica dos bacharéis. A carta do coronel Belmiro ao deputado, que tanta esperança nutria no jovem estudante, na verdade não tem qualquer efeito prático, o que sugere que o coronel não exercia mais qualquer influência sobre as decisões do parlamentar, conforme constata o próprio Isaías. Por outro lado, a personagem verá mais tarde a força de Ricardo Loberant, que da redação do seu jornal impunha seus interesses à política republicana: “As conversas da redação tinham-me dado a convicção de que o doutor Loberant era o homem mais poderoso do Brasil; fazia e desfazia ministros, demitia diretores, julgava juizes e o presidente, logo ao amanhecer, lia o seu jornal, para saber se tal ou qual ato seu tinha tido o placet desejado do doutor Ricardo” (p. 177).

Sendo a máquina administrativa regida por tais relações, que negam os valores modernos da democracia e da igualdade, qualidades individuais, como o talento, a inteligência e a honestidade se anulam. Dentro de uma ordem social com tais características, essas qualidades não constituem condição para ascensão social dos indivíduos, uma vez que as relações de compadrio de que se alimenta a “instituição do favor” anulam o talento e o esforço pessoais, sendo o apadrinhamento político o instrumento mais eficaz para o cidadão subir alguns degraus na escala social, ficando impossibilitada assim a cidadania plena. Se o mérito individual é moeda sem valor, ninguém chega a uma posição superior por competência e esforço próprios, sem que tenha relações próximas com pessoas influentes, e é só dessa maneira que Isaías consegue subir um degrau na redação do jornal, quando passa a ter a proteção do diretor por tê-lo flagrado em situação desabonadora.

O primeiro contato de Isaías com uma instituição republicana dá-se quando ele vai à Câmara dos deputados à procura do doutor Castro. Na situação descrita, o efeito tragicômico é produzido e realçado pelo deslocamento e pela inadequação que se estabelece entre os elementos do conjunto. O parlamento, instituição responsável pelas leis e normas que zelam pelo funcionamento do país, ocupa lugar dos mais importantes na organização institucional do Estado na vida moderna. Sabe-se que, findas as monarquias absolutistas do século XVII ao XIX na Europa, torna-se cada vez maior o papel dos parlamentos na vida política das nações, e daí a força e a importância das câmaras legislativas, vistas como a representação mais legítima da sociedade nos regimes democráticos. Tendo essa compreensão, o cidadão esclarecido constrói uma imagem e um horizonte de expectativas em relação a essa instituição que, embora varie de cidadão para cidadão e de sociedade para sociedade, mantém constantes alguns princípios como a competência, a honestidade, a responsabilidade e a dedicação às causas públicas por parte dos seus representantes. Ou seja, princípios que vão de encontro ao que o jovem Isaías, estupefato, observa numa sessão da Câmara dos Deputados de seu país, daí sua frustração, como também do leitor, que acompanha a descrição detalhada do narrador. Além da desconfiança que lhe inspirava Laje da Silva, da falsidade e da presunção de figuras respeitadas no mundo das letras e do jornalismo, que a essa altura pudera conhecer por meio do padeiro, Isaías passa a encarar cada vez mais cautelosamente as condições gerais da sociedade, modificando suas perspectivas em relação ao próprio futuro. Depois de tentar incansavelmente e não ser atendido pelo doutor Castro, e ao assistir ao espetáculo grotesco do parlamento, quando entra em contato com os “digníssimos representantes da Nação Brasileira” e pela primeira vez os vê exercer o ofício de legislar, a personagem começa a perceber a crueza da realidade, muito diversa da que supunha até então. O contraste entre as expectativas do jovem provinciano e a situação real que presencia no parlamento é colossal e Isaías sai decepcionado com o perfil dos representantes da nação. Na sua ingenuidade e simplicidade provincianas, Isaías Caminha conhecia deputados e senadores apenas de nome, e deles guardava a imagem que formara a partir das leituras escolares ou de biografias de grandes vultos, que aparecem sempre areolados com as melhores qualidades: heroísmo, sabedoria, honestidade e espírito público. Supunha homens capazes de compreender, interpretar e apresentar a solução para os problemas da sociedade, sem macular suas atividades com interesses pessoais, com ações que não estivessem diretamente vinculadas aos interesses e necessidades da população. Foi com tal ideia, confessa o narrador com certa dose de ironia, que “subi pensando no ofício de legislar que ia ver exercer pela primeira vez, em plena Câmara dos Senhores Deputados”, pensando nos “velhos legisladores da

lenda e da história” (p. 75). A decepção do jovem decorre do confronto do seu idealismo com a realidade que observa no parlamento do país, onde vê apenas figuras desconhecidas, homens sem expressão e sem ideais, além do clima de desordem que caracterizava o ambiente. Confronta a imagem que construía dos grandes parlamentares à figura do doutor Castro, deputado com quem pôde falar pessoalmente e constatar nele a ausência de qualidades que julgava indispensáveis a um legislador, cujos atos podiam decidir o destino da nação. “Foi com grande surpresa que não senti naquele doutor Castro, quando certa vez estive junto dele, nada que denunciasses tão poderosas faculdades”, nos diz. Daí seu desapontamento ao vê-lo “durante uma hora olhar tudo sem interesse”, e perceber que “só houve um movimento vivo e próprio, profundo e diferencial, na sua pessoa, quando passou por perto uma fornida rapariga de grandes ancas, ofuscante de sensualidade”. É com melancolia que o narrador constata o descompasso entre os seus ideais e a realidade, a distância entre as qualidades que julgava essenciais a um parlamentar e aquelas que efetivamente existiam no doutor Castro.

Segundo a visão idealista de Isaías Caminha, as qualidades que o legislador deveria possuir eram de um sábio, capaz de compreender profundamente a natureza da sociedade e dos homens: “o legislador tinha que ter a ciência da terra e a clarividência do céu e sentir bem nítido o alvo incerto para que marchamos” (p. 76). O contraste entre o ideal da personagem e a realidade política do país é fixado pela sátira hiperbólica da descrição de uma sessão na Câmara dos Deputados. Ao olhar do narrador não escapa o menor detalhe, e o conjunto dos pormenores compõe o quadro tragicômico que surpreende Isaías, que sai do recinto decepcionado com o que vê. Logo de entrada constata a desordem reinante no ambiente, que aos olhos do jovem idealista aparece como algo fantasmagórico, a que ele assiste bestializado, o que desfaz suas expectativas em relação aos “nobres deputados”, nos quais supunha haver qualidades superiores. Ao chegar ao recinto, com olhar curioso de quem se acha pela primeira vez onde funciona a instituição que faz as leis do país, como uma câmera cinematográfica flagra a desordem reinante: “No espaço guarnecido entre a mesa do presidente e a primeira das bancadas, havia o trânsito de rua frequentada; numa porta ao fundo, um ajuntamento de guichet de teatro em enchente” (p. 77). O narrador fecha o espetáculo parlamentar com a cena tragicômica do discurso do deputado Jerônimo Fagot:

Parecia que as palavras de Fagot lhe morriam nos lábios: movia a boca e gesticulava como um doido furioso. Os colegas desapegados de sua eloquência dividiam-se em grupos. À esquerda, lá longe, quase na minha frente, alguns viam cartões postais; um outro, sob os meus pés, isolado, no burburinho, escrevia febrilmente, erguendo, de quando em quando, a caneta para pensar; uma roda de três, à esquerda e ao fundo,

conversava sorrindo; ao fundo, ainda, mais um pouco à direita, um deputado gordo, com o calor que com o correr do dia se fizera forte, esquecido no sono, por detrás de um par de óculos azuis, roncava perceptivelmente. Fagot falou cerca de meia hora; e, quando deixou a tribuna, o presidente já era um terceiro deputado... (p. 78-79).

Esse quadro grotesco oblitera a visão de Isaías e contribui para nutrir nele o desalento e o medo da sociedade, já despertados pelo tratamento adverso que recebeu do caixeiro da venda na estação, pelo comportamento de Laje da Silva e pelos olhares desdenhosos colhidos na sua perambulação pelas ruas etc. O episódio é significativo especialmente por constituir o primeiro contato do jovem com uma instituição republicana, responsável pelas normas que regulam a condução do país, virtualmente comprometida com a melhoria da vida dos menos favorecidos, segundo os modernos princípios republicanos que alimentavam os sonhos do jovem. Ao sair do recinto da Câmara dos Deputados, ainda sem compreender muito bem o espetáculo a que assistira, o desapontamento de Isaías traduz a consciência do jovem que se vê agora em comunhão com a massa de deserdados, uma população oprimida cujo destino estava entregue às autoridades incompetentes e desonestas. No trânsito, tenta assimilar as impressões que lhe deixaram os parlamentares:

Ainda pouco familiarizado com o trânsito pesado da rua, atravessei a Rua Direita cheio de susto, cercado-me de mil cautelas, olhando para aqui e para ali, admirado que aquela porção de gente trabalhasse sob sol tão ardente, sem examinar que valor tinham as suas Câmaras e o seu Governo. E a facilidade com que os aceitava, pareceu-me sentimento mais profundo, mais espontâneo, mais natural que a minha ponta de crítica que já começava a duvidar deles (p. 80).

Depois que Isaías testemunha o espetáculo deprimente dos deputados tudo que representa a vida oficial lhe parece diminuído: as instituições e os símbolos nacionais se mostram sem grandeza, muito aquém da imagem que formara deles e das qualidades que deveriam ter, segundo acreditava, e tal impressão contribuía ao mesmo tempo para minar suas esperanças, corroendo por dentro seu “poder da vontade”. Assim, logo após o encontro decepcionante com o poder legislativo, a experiência com outra instituição republicana não o deixaria mais animado. O seu pessimismo só faz aumentar com a impressão que lhe causa um desfile militar, que encontra por acaso nas suas deambulações solitárias pelas ruas da cidade, tentando digerir os desenganos: “O batalhão começou a passar: na frente os pequenos garotos; depois a música estrugindo a todo o pulmão um dobrado canalha”, que animava “Os oficiais muito cheios de si, arrogantes, apurando a sua elegância militar”, acompanhados pelas “praças bambas, moles e trôpegas arrastando o passo sem amor, sem convicção, tendo as carabinas mortíferas com as baionetas caladas, sobre os ombros, como um instrumento de castigo”, observa

o narrador desencantado, para em seguida completar: “Os oficiais pareciam de um país e as praças de outro” (p. 83-84).

O narrador desfila uma sequência de frases e expressões no mínimo irônicas para a situação, exprimindo assim o seu desencanto com as instituições. Não ouve o som da música, mas o “ruído de uma fanfarra militar”, que enche a rua com o “estrugido” de um “dobrado canalha”. O contraste entre os oficiais arrogantes e orgulhosos da “sua elegância militar” e as “praças bambas, moles e trôpegas”, ofusca o pretenso brilho e, o que parece mais significativo ainda do ponto de vista crítico do narrador, é que as praças caminham “trôpegas arrastando o passo sem amor, sem convicção”, o que nega o orgulho patriótico, e carregam nos ombros as carabinas como um “instrumento de castigo”, alheios ao significado da sua função, daí que “os oficiais pareciam de um país e as praças de outro”. E em vista do quadro, Isaías arremata sua impressão de descrença e desilusão: “até a própria bandeira que passara, me deixou perfeitamente indiferente”, lembrando que tomava contato pela primeira vez com a força armada do país, da qual tivera apenas vagas notícias, por exemplos pouco edificantes. Numa ocasião em que vira, “num portal de uma venda, semiembriagado, vestido escandalosamente de uma maneira hibridamente civil e militar, um velho soldado”; noutra, quando vira a viúva de um general receber “um conto e tanto de pensões a vários títulos, que lhe deixara o marido, um plácido general que envelhecera em várias comissões pacíficas e bem retribuídas” (p. 84).

Abatido e desalentado, o jovem caminha na “solidão” das ruas, cujo movimento, que se faz a todo o transe e indiferente ao seu destino, ele observa com olhos de espectador solitário e estranho ao que ver. No estado de semiembriaguez, ocorre-lhe como que uma suspensão do pensamento em face do espetáculo que desfila à sua volta, do qual seu olhar ambulante, como uma câmera fotográfica, vai colhendo recortes e fragmentos da realidade que se harmonizam afinal num quadro coerente, compondo-se a narrativa pelo aleatório do “relato-flagrante” (Cf. PRADO, 1989, 2004). Na síncope momentânea da faculdade racional a realidade é apreendida em fragmentos pelos vários sentidos: são movimentos, cores, sons, ruídos e perfumes, impressões que escapam ao pensamento:

Subia a rua. Evitando grupos parados no centro e nas calçadas, eu ia caminhando como quem navegava entre escolhos, recolhendo frases soltas, ditos, pilhérias, e grossos palavrões também. Cruzava com mulheres bonitas, feias, grandes e pequenas, de plumas e laçarotes, farfalhantes de seda. Eram como grandes e pequenas embarcações movidas por um vento brando que lhes enfunasse igualmente o velame. Se uma roçava por mim, eu ficava entontecido dentro da atmosfera de perfume que exalava.

Era um gozo olhá-las, a elas e à rua, com sombra protetora, marginadas de altas vitrines atapetadas de joias e de tecidos macios (p. 83).

Como espectador ambulante, Isaías impressiona-se com a visão das vitrines que exibem artefatos de luxo, signos da modernidade e do progresso capitalista, cujo contraste com a sua condição de miséria e abandono acentua ainda mais o sentimento de impotência, daí o estado de passividade em que se encontra, envolvido e “entontecido” pelo turbilhão de sons desconexos, cores e perfumes, sem a eles reagir. Signos que o atraíam, exibindo-se alguns inclusive como símbolos não apenas de poder e riqueza, mas de valores caros às aspirações do jovem estudante, como a honestidade e o saber. “As botinas, os chapéus petulantes, o linho das roupas brancas, as gravatas ligeiras, pareciam dizer-me: Veste-me, ó idiota, nós somos a civilização, a honestidade, a consideração, a beleza e o saber”. Aqui a percepção já vem acompanhada de uma ponta de crítica: “Sem nós, não há nada disso; nós somos, além de tudo, a majestade e o domínio” (p. 83). É sugestivo o fato de Isaías atravessar o ponto mais elegante da cidade exatamente nesse momento de profundo desânimo, quando sente ameaçada a própria sobrevivência, o que realça a precariedade da sua condição. “Aventurei-me pela Rua do Ouvidor já preso a outros pensamentos” diz ele. A visão do espaço dos grã-finos acentua o contraste e mostra a dimensão da sua pobreza, de modo que as damas elegantes e luxuosamente vestidas o levam a recordar as roupas pobres de sua mãe: “Por momentos, em face daquelas damas a arrastar toillettes de baile pela poeira da rua, lembrei-me dos tristes vestidos de minha mãe, da sua cassa eterna, da sua chita e do seu morim...” (p. 80), o que não deixa de ser uma violência contra a dignidade do jovem excluído. O contraste entre a situação da personagem e o espetáculo que se exhibe nas ruas e nas vitrines como signos do progresso na sociedade moderna sugere a “violência do progresso” na modernidade, haja vista que acentua a distância entre as virtualidades prometidas e as possibilidades concretas de realização por parte de determinados grupos sociais. Sob esse aspecto assinala-se a formulação de Marshall Berman (1986) sobre a modernidade, compreendida como a condição de progresso e desenvolvimento alcançada pelos países ocidentais, sobretudo no século XIX. Na acepção de Barman, a modernidade é inseparável do progresso capitalista, daí seu caráter de violência, caracterizando-se pelo contínuo desenvolvimento e transformação das sociedades nos mais diferentes setores, tais como a economia, as relações sociais, a organização política e a cultura em geral, transformações a que muitos sucumbem. Segundo o autor, ser moderno ou viver a modernidade “é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo

o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 1986, p. 15). Os primeiros dias de Isaías na capital da República são de angústia desespero, sobretudo depois de sentir-se enganado pelo deputado Castro, sua única esperança de arranjar uma ocupação que lhe garantisse meios de sobrevivência. Distante da proteção do lar e do afeto materno, a situação do jovem é de desespero. Sozinho, sem relações e sem recursos, sente-se abandonado num mundo hostil e indiferente ao seu destino: “Foram de imensa angústia esses meus dias no Rio de Janeiro”, confessa; “Eu era como uma árvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apoie e donde tire vida; era como um molusco que perdeu a concha protetora e que se vê a toda hora esmagado pela menor pressão” (p. 87, grifo meu). Em tais condições evapora-se a esperança do jovem, tomado por profunda melancolia e vendo nas desgraças presentes o anúncio de tragédias futuras, daí a forma como passa a tratar o pouco dinheiro que lhe resta, o qual via como seu único arrimo:

Sentia-me só, só naquele grande e imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos. Os meus únicos amigos eram aquelas notas sujas e encardidas; eram elas o meu único apoio; eram elas que me evitavam as humilhações, os sofrimentos, os insultos de toda sorte; e quando eu trocava uma delas, quando as dava ao condutor do bonde, ao homem do café, era como se perdesse um amigo, era como se me separasse de uma pessoa amada. Eu nunca compreendi tanto a avareza como naqueles dias que dei alma ao dinheiro, e o senti tão forte para os elementos da nossa felicidade externa ou interna... (p. 86).

Assim, no estado de abandono em que se encontra, sem qualquer apoio material ou moral, desenganado e oprimido pelas necessidades, Isaías apegase ao dinheiro com espírito de usurário e passa a apelar para as obras do acaso, atitude que traduz sua descrença na sociedade organizada pelos homens. Percebe-se um gradativo movimento negativo no ânimo do protagonista, que vai aos poucos arrefecendo no seu projeto de ascensão social pelos estudos. A essa altura apela alternativamente para forças diversas e opostas, “para o Mistério e para as potências terrestres”, preso a “duas amarras, uma no Mistério e outra nas coisas do mundo” (p. 84), na esperança de encontrar e ser bem acolhido pelo deputado ou receber uma dádiva de espíritos do além:

Oprimido com uma antevisão de misérias a passar, de humilhações a tragar, o meu espírito deformava tudo que via. Os menores fatos que lhe caíam ao alcance, eram aumentados de lado, diminuídos de outro; faziam-se outra cousa muito diversa para minha sensibilidade enfermiça, que a imaginação guiava para sentir todos os terrores e ameaças. Perdia a realidade de vista e vivia subdelirante num mundo de cousas grotescas, absurdas e não existentes. Punha-me a apelar para o Acaso, como se tivesse predileções. Esperava encontrar fortunas perdidas, imaginava impossíveis combinações de acontecimentos que me favorecessem e cheguei mesmo, por instantes, a supor

que atos de generosidade de minha parte bem podiam trazer-me o favor de gênios benfazejos (RIC, p. 87).

Nesses dias de sofrimento e incerteza, a personagem segue sua *via crucis* oscilando entre as fronteiras da esperança e do desengano, a perambular pelas ruas da cidade entre o hotel e a casa do deputado: “repetia a visita, e mais uma vez voltava desalentado, para ficar na janela do hotel desanimado, oprimido de saudades do sossego, da quietude, da segurança do meu lar originário” (p. 89). Segue até perder por completo a esperança, quando percebe que fora enganado pelo doutor Castro. Indignado, descarrega o sentimento da humilhação numa explosão de revolta, realçada pela atmosfera de satisfação dos que o cercavam: “Patife! Patife! A minha indignação veio encontrar os palestradores no máximo de entusiasmo. O meu ódio, brotando naquele meio de satisfação, ganhou mais força”, nos diz; contraste que reforça o pessimismo e alimenta o receio de um futuro catastrófico: “Num relâmpago, passaram-me pelos olhos todas as misérias que me esperavam, a minha irremediável derrota, a minha queda aos poucos”. Revoltado, não esconde sua indignação, e “ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angústia”, multidão de “Idiotas que vão pela vida sem examinar, vivendo quase por obrigação, acorrentados às suas misérias como galerianos à calcêta! Gente miserável que dá sansão aos deputados, que os respeita e prestigia!”, denuncia (p. 101-102).

Mas, como o seu temperamento é inconstante, seguindo um movimento de fluxo e refluxo, a revolta explosiva, que provoca “um baixo desejo de matar”, logo se abrande e dá lugar à melancolia resignada que traduz o sentimento da própria impotência. “Depois dessa violenta sensação da minha natureza, invadiu-me uma grande covardia e um pavor sem nome”, nos diz Isaías, para em seguida completar: “fiquei amedrontado em face das cordas, das roldanas, dos contrapesos da sociedade”, que sentia “graduando os meus atos, anulando os meus esforços” e, portanto, “insuperáveis e destinados a esmagar-me, a reduzir-me ao mínimo, a achatar-me completamente”, sentimento que o faz abandonar os “desejos heroicos para imaginar expedientes com que saísse da miséria em perspectiva” (p. 101-102).

Aqui a revolta transcende os limites estreitos do ressentimento pessoal e torna-se protesto consciente contra a opressão e a exclusão social. A indignação do jovem cresce na medida em que observa a indiferença das pessoas ao seu redor (no bonde), que não percebiam seu sofrimento, elas também oprimidas pela ordem excludente e traídas pelos políticos desonestos, como o doutor Castro. Já desenganado pelo deputado, na agressão que sofre no bonde Isaías sente ainda maior o peso da “sociedade inteira” que se volta contra ele. Mais uma vez, é a revolta

com a situação pessoal que o leva a pensar nas injustiças da organização social e lhe inspira anseios de transformação da ordem iníqua. Um simples incidente em que se sente humilhado, seja devido à sua cor, seja pela sua condição social, desperta-lhe não o mero desejo de vingança pessoal, mas o protesto consciente contra as injustiças da sociedade, em cuja teia de relações identifica as malhas do preconceito e os mecanismos de exclusão que o levam à derrota:

Um sujeito entrou no bonde, deu um grande safanão, atirando-me o jornal ao colo, e não se desculpou. Esse incidente fez-me voltar de novo aos meus pensamentos amargos, ao ódio já sopitado, ao sentimento de opressão da sociedade inteira. Até hoje não me esqueci desse episódio insignificante que veio reacender na minha alma o desejo feroz de reivindicação. Senti-me humilhado, esmagado, enfraquecido por uma vida de estudo, a servir de joguete, de irrisão a esses poderosos por aí (p. 103).

Curiosamente, numa das circunstâncias de maior desalento, Isaías Caminha encontra um apoio em Gregoróvitch, jornalista estrangeiro e anarquista, que, entretanto, incita no jovem o sentimento patriótico. A circunstância é significativa porque antecede em pouco o episódio em que é humilhado e detido pelo delegado ao ser acusado de roubo. O encontro com o russo acontece logo após Isaías ter perdido em definitivo qualquer esperança em relação ao deputado Castro, sentindo-se então “deprimido, desalentado”, já que “os meus sentimentos tinham-se enfraquecido durante aquela longa viagem de bonde a pensar na vida, a curtir ódios, a arquitetar vinganças e a farejar a miséria próxima”, escreve. E, nessa situação de desespero, vai “desejoso de encontrar uma afeição, uma simpatia, naquele estrangeiro, um aventureiro, um ente cujos precedentes não conhecia” (p. 107). Para espanto seu, até então crente na solidariedade e na bondade humanas, o russo lhe fala da necessidade do uso da violência: “Gregoróvitch incitara-me a trabalhar pela grandeza do Brasil; fez-me notar que era preciso difundir na consciência coletiva um ideal de força, de vigor, de violência mesmo, destinado a corrigir a doçura nativa de todos nós”. Não é sem razão a simpatia do estudante pelo estrangeiro, de quem ouve palavras que jamais ouvira no seu meio e sentenças que o levam a questionar seus próprios valores. “Pela primeira vez de lábios humanos, ouvi dizer mal da piedade e da caridade: sentimentos antissociais, enfraquecedores dos indivíduos e das nações”, nos diz o narrador. Sentimentos que na opinião de Gregoróvitch eram “virtudes dos fracos e cobardes”, destinados ao fracasso, como o próprio Isaías. A mesma “doçura nativa”, que na opinião do russo era apanágio dos fracos, a teuto-russa Dona Margarida vai encontrar em Clara dos Anjos e sua família, também destinados ao fracasso, como tantos outros “pobres-diabos” do universo de Lima Barreto.

Um dos momentos mais humilhantes para Isaías é o episódio em que é preso, acusado de um furto que se dera na pensão onde morava. Da sua chegada à delegacia até o momento em que é posto na prisão o jovem passa por uma sequência de humilhações que constituem uma tortura psicológica. Antes do interrogatório humilhante do delegado, Isaías é ferido pela palavra “mulatinho”, qualificativo que o ofende profundamente, já que se trata de um termo cujo campo semântico, no universo espiritual do branco, é carregado de valor pejorativo, alude a qualidades depreciativas como analfabeto, vagabundo, gatuno e outros qualificativos de conotação negativa. Durante o interrogatório segue-se uma sequência de ofensas verbais pelas quais o delegado exaspera exaustivamente a paciência do jovem até ao ponto em que este perde o controle e agride verbalmente aquele, pretexto que a medíocre autoridade usa para prendê-lo. Iniciando-se com o epíteto de “mulatinho”, a violência verbal chega ao extremo com a palavra “gatuno”, que o delegado usa para (des)qualificar Isaías, depois de desmentir exaustivamente que este fosse estudante. Ferido humilhado, ao ser chamado de gatuno o jovem perde o controle e revida, chamando o delegado de “imbecil”, motivo que faltava à autoridade para prendê-lo, já que não encontrara outra razão, pois não havia crime cometido pelo “mulatinho”, como desejava o bacharel. O sentimento que Isaías manifesta é algo como um choque de humilhação e revolta: “Por aí, houve em mim o que um autor russo chamou a convulsão da personalidade. Todo eu me agitei, todo eu me indignei”, conta o narrador; “Senti num segundo todas as injustiças que vinha sofrendo; revoltei-me contra todos os sofrimentos que vinha suportando. Injustiças, sofrimentos, humilhações, misérias” que “subiram à tona da minha consciência, passaram pelos meus olhos” (p. 117), para então explodirem na revolta expressa pelo termo ofensivo ao policial, que o prende em nome da pátria:

Fui ao xadrez convenientemente escoltado. Pelo caminho, tudo aquilo me pareceu um pesadelo. Custava-me crer que, no intervalo de duas horas, eu pudesse ter os entusiasmos patrióticos do almoço e fosse detido como um reles vagabundo num xadrez degradante. Entrei aos empurrões; desnecessários aliás, porque não opus a menor resistência. As lágrimas correram-me e pensei comigo: A Pátria! (p. 118).

Aqui também o representante oficial da Republica está aquém do ideal e do padrão imaginado por Isaías, apresenta qualidades inferiores e diversas daquelas que o posto exige. Como o jovem já percebera nos deputados, nos militares (e veria depois nos jornalistas e homens de letras), a qualificação e moral e intelectual do delegado não condizia com o cargo que ocupava e com poderes de que estava investido, o que paulatinamente vai minando as esperanças do protagonista, que sofre uma decepção em circunstância em que tem de lidar com uma autoridade

republicana. Assim, a “poderosa autoridade”, que aparece para interrogá-lo e ofendê-lo é “um medíocre bacharel, uma vulgaridade com desejos de chegar a altas posições”, porém “havia na sua fisionomia uma assustadora irradiação de poder e força” (p. 115).

Aos poucos Isaías despede-se dos seus planos e do sonho de ser “doutor”, fracasso que se consuma quando é rejeitado ao oferecer-se para um trabalho humilde numa padaria. Mas até chegar ao “ponto final” o caminho é longo e espinhento, e as humilhações vão se acumulando num ritmo crescente de quantidade e intensidade. Tendo começado durante a viagem de trem, na forma como é atendido pelo balconista, elas vão acontecendo durante todo o seu percurso: no olhar malicioso e nas perguntas capciosas de Laje da Silva, no desdém dos jornalistas, no gesto covarde do deputado Castro, que o engana, nas insinuações maliciosas do recepcionista do hotel, nos insultos racistas do delegado, que o prende por uma falta que não cometera. E, como a selar sua trajetória rumo ao fracasso, a recusa do padeiro, que não o aceita para o humilde trabalho de acompanhar um cesto de pães, em que sente o efeito da exclusão e peso do fracasso irremediável:

Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de que esse seria o proceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; [...]. Revoltava-me que me obrigassem a despendar tanta força de vontade, tanta energia com cousas em que os outros pouca gastavam (p. 127-128).

Aqui também a consciência crítica deriva do sofrimento e oscila entre a compreensão histórica das forças sociais em conflito e a subjetividade da personagem, que às vezes se vê como dono do próprio destino, como se o seu triunfo ou o seu fracasso dependesse unicamente da sua força de vontade, e em outros momentos atribui à ordem social as causas da sua derrota. Portanto, as reflexões do narrador oscilam entre a consciência histórica da sociedade que o oprime e a sua capacidade individual para lutar contra as forças sociais, traduzindo de qualquer modo a consciência dos entraves à numa sociedade marcada por relações assimétricas:

O caminho da vida parecia-me fechado completamente, por mãos mais fortes que as dos homens. Não eram eles que não me queriam deixar passar, era o meu sangue covarde, era a minha doçura, eram os defeitos de meu caráter que não sabiam abrir um. Eu mesmo amontoava obstáculos à minha carreira; não eram eles... [...]. As condições de minha felicidade deviam repousar senão em mim mesmo – concluí... Mas não era só isso que eu via. O que me fazia combalido, o que me desanimava eram as malhas de desdém, de escárnio, de condenação em que me sentia preso (p. 124).

A desilusão de Isaías com a sociedade não se transforma num ceticismo universal em relação à humanidade, permanece a crença na justiça e na solidariedade humanas, valores caros ao ideário de Lima Barreto. A esse propósito vale ressaltar a observação de Alfredo Bosi (2002), que estabelece um confronto entre a visão de Lima Barreto e a visão de Machado de Assis sobre a sociedade brasileira contemporânea dos dois autores. O crítico assinala que Lima Barreto “não tinha a têmpera cética do moralista desenganado” Machado de Assis, que “verticalizava a sua observação da sociedade fluminense em que lhe fora dado viver” e assim, “à medida que lia fundo nos comportamentos das suas criaturas, universalizava o ponto de vista”, de forma que sob o seu olhar desencantado, “não só a galeria de tipos do Rio entre patriarcal e moderno, mas a história inteira do gênero humano se convertia em nave de insanos, desfile de egoísmos ferozes ou, no melhor dos casos, feira de vaidades”. Diferentemente do autor de *Brás Cubas*, o autor de *Policarpo Quaresma*, segundo Bosi, “centrava as baterias da sátira nos tipos locais da sua convivência com a cidade, suscitando no leitor a ideia promissora” – que não se apresentaria em Machado, segundo o crítico – “de que outra devesse e talvez pudesse ser a nossa realidade, caso a República se nortearse por princípios justos e solidários, herdeiros radicais da Ilustração e da Revolução Francesa” (BOSI, 2002, p. 201-202).

O sentimento da injustiça alimenta a revolta e o desalento de Isaías, que vê os critérios injustos e “irracionais” pautarem as normas que regem a sociedade, em que a premiação e ascensão dos indivíduos não levam em conta os méritos e as capacidades efetivas dos cidadãos, mas “qualidades” atribuídas com base em critérios preconceituosos de avaliação, que distinguem os indivíduos pela cor, pela posição social e por laços familiares. Nesse sentido, afligia-o não apenas a falta de solidariedade e o egoísmo dos poderosos, mas também a lógica absurda que norteava a sociedade: “Revoltava-me que me obrigassem a despendar tanta força de vontade, tanta energia com cousas em que os outros pouca gastavam”. Portanto, tratava-se de uma ordem competitiva irracional, que excluía o princípio republicano da igualdade perante a lei: “É uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro” (p. 127-128).

A recusa do padeiro, portanto, não significava, na visão do narrador, simplesmente a má vontade de um indivíduo para com um jovem pobre e mulato. Mais do que isso, era a manifestação particular e concreta de uma tendência geral da sociedade que Isaías começava então a compreender, tendência que se agravaria depois da sua prisão, episódio que acabara por minar-lhe a disposição e

sepultar-lhe suas esperanças. É o que se lê na confissão melancólica do narrador, que relata o estado de abatimento do jovem desenganado: “Aquela sociedade com pessoas que me tinham suspetado ladrão, pesava-me, abatia-me”, pois até mesmo a “esperança num emprego humilde esvaíra-se”, levando-o a deduzir que seria sempre assim em qualquer situação, que estariam sempre fechadas as portas em que batesse, que se fechara o cerco à sua volta: “Não sabia por onde sair; era de um verdadeiro sítio à minha vida que eu tinha sensação” (p. 130). Assim, não lhe restava outra alternativa senão entregar as armas e retirar-se do combate, com a certeza da derrota e a sensação de impotência em face do inimigo avassalador: “Tudo me parecia acima das minhas forças, tudo me parecia impossível”, diz ele, e sentia “que não era eu propriamente que não podia fazer isso ou aquilo, mas eram todos os outros que não queriam, contra a vontade dos quais a minha era insuficiente e débil” (p. 133).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conforme se pode concluir por meio das situações analisadas em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, o desencanto do protagonista resulta dos choques com a sociedade hostil que o oprime. Inclusive a narração apresenta certa inconstância e assume tonalidades diferentes conforme as circunstâncias relatadas, apresentando-se mais ou menos tensa de acordo com as situações vivenciadas pelo narrador personagem. Nos embates do dia a dia com o mundo hostil, em que sofre sucessivas decepções, aos poucos o jovem Isaiás Caminha vai percebendo a impossibilidade de realização de seus ideais. No fracasso do protagonista, o narrador nos mostra seu desencanto com uma sociedade que, embora em processo acelerado de modernização, permanecia fechada à possibilidade de ascensão de uma grande faixa da população, marginalizada pela pobreza e pelo preconceito. Nesse romance, a opressão e a exclusão que se apresentam ostensivamente ao longo da narrativa atuam sobre Isaiás Caminha gerando o impasse que o protagonista vivencia, e o narrador compreende mais tarde.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOSI, Alfredo. Figuras do Eu nas Recordações de Isaías Caminha. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 186-208.
- FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Globo, 2007.
- FIGUEIREDO, C. L. N. de. *Trincheiras de sonho: ficção e cultura* e Lima Barreto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. São Paulo: Globo, 2006.
- FREIRE, Manoel. *Revolta e melancolia: uma leitura da obra de Lima Barreto*. 2009. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2009.
- IANNI, O. *Raças e classe sociais no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- PRADO. A. Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PRADO. A. Arnoni. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982. p. 13-28.

